

MOÇOS PARA A PÁTRIA E PARA A IGREJA: A PRODUÇÃO DE SUJEITOS NOS ENUNCIADOS DA PEDAGOGIA SALESIANA.

Fabiana Nicolau

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Os sonhos permeiam as narrativas sobre Dom Bosco e a criação da Congregação Salesiana. Biografias, memórias autobiográficas, encartes, filmes e demais textos encíclicos ou laicos fazem constante referência a estes. Diz-se que foram sete sonhos que marcaram sua vida e formação como seminarista e posteriormente padre e que todos estavam envoltos por mensagens celestiais, diálogos com Deus e prenúncios da vocação a ser seguida:

A vocação anunciada era a dedicação intensa e exclusiva a educação da juventude. Uma juventude marginalizada e carente de cristandade, de comida, carinho, família. Juventude esta, que perambulava pelas ruas de Turim do século XIX, ‘blasfemando’, entregando-se a jogos de azar, a mendicância, ao roubo.

Em seu sonho “dos nove anos”, Dom Bosco, haveria recebido a primeira mensagem de Deus, para que seguisse o caminho clerical, visando a salvação dessas almas, e segundo as narrativas biográficas e autobiográficas, fora neste exato momento que o eclesiástico optou pela formação religiosa, acreditando ser este o caminho para ajudar os pobres jovens.

Porém, esta opção, segundo o próprio padre e aqueles que se encarregaram pela construção de sua história, ou fizeram referência a ela estava relacionada a um dom de São João Bosco. O dom de saber ouvir e educar os jovens. E seguir sua vocação, seria o mais sensato para aquele que,

(...) órfão de pai em tenra idade, educado com profundo intuito humano e cristão pela mãe, é pela Providencia dotado de dons, o que o fazem desde os primeiros anos o amigo generoso diligente dos seus coetâneos. A sua juventude é a antecipação de uma extraordinária missão educativa¹.

A construção de uma narrativa histórica está relacionada à produção de sentidos, ou seja, o que se narra sobre os salesianos está mergulhado em redes enunciativas historicamente produzidas, contribuindo desta forma para a fabricação de uma memória e experiências

¹ JOÃO PAULO II. **Dom Bosco: um mestre para a educação.** In: Carta do Sumo Pontífice João Paulo II ao dileito filho Egidio viganò Reitor-Mor da Sociedade Salesiana no 1º Centenário da Morte de São João Bosco. Editora Salesiana, 1988. p. 5-6.

específicas acerca desta congregação, delimitando o que pode e deve ser dito. Assim, os documentos – Constituições, Regulamentos, Encíclicas Papais, Capítulos Gerais, Boletins, Livros, entre outros – contribuem para a produção desta história, a partir do momento que são percebidos como documentos-monumentos², ou seja, instituem objetos, sujeitos, enunciados, verdades históricas.

Assim, não se quer discutir a veracidade dos sonhos, nem interpretá-los. Porém, deseja-se pensar como estas narrativas possibilitaram produzir a relação profunda e inabalável, e atemporal, entre o clérigo³, sua congregação e os jovens. Falar dos salesianos é necessariamente falar da juventude.

Dom Bosco foi chamado de amigo, mestre, pai dos jovens, justamente pelas obras que criou, pela relação que construiu com a juventude de seu tempo e a continuidade que se deu a elas após a sua morte. Em todos os textos salesianos e em todas as escolas e obras salesianas está exposto/imposto a sua relação com este grupo, sua existência está condicionada a educação da juventude.

Estas narrativas que falam do clérigo e sua relação com os jovens foram registrados por ele, por aqueles que conviveram com o clérigo, ou, por salesianos de outros tempos, com a intenção de perpetuar uma forma de educar e estar com este grupo de moços, produzindo assim, enunciados sobre uma pedagogização deste corpo, ao mesmo tempo em que, localizam discursivamente esta congregação.

Dom Bosco, para a educação desses jovens, elaborou o “Sistema Preventivo”, este se encontra em textos de autoria do clérigo, nas Constituições Salesianas, nos Regulamentos para casas de externos e internos e na *Ratio*. Não existe um compêndio que aborde o sistema como todo, ele está em todas as partes que compõe a pedagogia salesiana. Existe apenas um pequeno escrito intitulado “O Sistema Preventivo na Educação da Juventude”, escrito em 1877, devido à exigência de iniciar a sistematização de um Regulamento da Sociedade São Francisco de Sales, que traz especificadamente o nome a qual estamos nos referindo.

² Aqui me aproprio das percepções do filósofo francês Michel Foucault, que percebe os documentos como produções históricas e inseridas em redes discursivas que delimitam o objeto de estudo, a partir de disciplinas-saber. Na discussão que me proponho os textos, sejam elas elaborados por Dom Bosco ou por outros clérigos, são percebidos como inseridos em uma discursividade específica – catolicismo – ao mesmo tempo, em que obedecem a regaras enunciativas específicas da nascente pedagogia. Cf. FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

³ Usa-se a palavra clérigo e padre para designar seu papel na instituição religiosa, é apenas uma forma de denominação; usam-se como sinônimos, embora se reconheça uma diferença entre estes conceitos. Aqui se usa as duas palavras para evitar a repetição das mesmas ao longo do texto.

A pedagogia salesiana é um sistema de atuação no corpo, assim, insere-se em uma discursividade específica, tornando-se um saber, a partir do momento em que enuncia formas de educar, objetificando os sujeitos de qual fala, disciplinando conteúdos, espaços e tempo, relações entre professores e alunos, brincadeiras, pecado, amor, caridade, boa conduta, etc. É, necessariamente, um discurso pedagógico por partir de um ‘fundador’, constituir-se em um modelo pedagógico⁴ especializado na produção de subjetividades⁵ específicas.

O momento de emergência da congregação é também um momento de reafirmação dos valores e práticas católicas. Vivia-se a Restauração e o processo de Unificação da Itália.

A Restauração, segundo René Remond⁶, é “bem uma contra-revolução. Trata-se de tomar o sentido oposto ao dos princípios de 1789 e de apagar todos os vestígios desse extravio do espírito humano. A contra-revolução era efetivamente, em 1815, uma virtualidade do triunfo dos reis”. É a necessidade de reafirmar a monarquia e todos os direitos tradicionais que a ela estavam ligados, famílias nobres e burguesas, localizando cada um em sua ‘devida’ condição social. Ao mesmo tempo, reafirmar a aliança entre Estado e Igreja, tão importante à manutenção deste regime. Esta última procurava o primeiro na intenção de que juntos mantivessem a *ordem* e os privilégios da Igreja Católica, questionado pela intensa secularização do credo.

Neste sentido, a Igreja Católica, já responsável pela educação, amplia ainda mais sua ação na sociedade, através de colégios, casas de caridade, oratórios. Temendo a industrialização e o crescimento dos centros urbanos – que representavam, segundo Mayer⁷, uma descristianização da sociedade – a igreja e suas congregações se ocupam de catequizar e evangelizar.

A emergência da Congregação Salesiana e do Sistema Preventivo não está fora desta rede de discursos e práticas, arriscaria afirmar, que está inserida nessa formação histórica e é produzida e produz estes enunciados acerca da urgente necessidade de educar os jovens. Nas palavras de Pietro Braido:

O Piemonte – região onde se localiza a cidade de Turim – não ficou alheio à complexa problemática religiosa católica italiana (...) Com a Restauração, a Igreja

⁴ LOURO, Guacira Lopes. Produzindo sujeitos masculinos e cristãos. In: LOURO, Guacira Lopes. Produzindo Sujeitos Masculinos. In: COSTA, Marisa Vorraber. **O currículo nos limiares do contemporâneo**. Belo Horizonte: Autentica, 1998.

⁵ Formas de ser e estar no mundo que são subjetividades por uma rede complexa de práticas e discursos.

⁶ REMOND, René. **O século XIX**. Introdução à história do nosso tempo. São Paulo: Editora Cultrix, 2005.

⁷ MAYER, Arno J **A força da tradição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 11.

do Reino da Sardenha tinha recuperado os direitos e os privilégios do anciem regime, em virtude de uma legislação fortemente confessional de conotação jurisdicista. A censura eclesiástica é forte e o sistema escolar é de inspiração clerical (...) predominam tendências conservadoras, muitas vezes reacionárias⁸.

Em relação a estas questões e outras pertinentes a Unificação da Itália que flamavam neste mesmo período, Dom Bosco escreve em seu Memórias, trecho de uma conversa com o Marquês Roberto d'Azeglio:

Senhor, marques, é meu firme propósito manter-me estranho a tudo o que se refere a política. Nunca a favor nem contra. Fazer o pouco de bem que posso aos jovens abandonados, esforçando-me com todo afinco para que se tornem bons cristãos e honestos cidadãos na sociedade civil (...) Convidai-me para qualquer coisa onde o padre possa exercer a caridade e me vereis pronto a sacrificar a vida e bens, mas eu quero me manter agora e sempre estranho a política⁹.

Esta carta foi uma resposta/justificativa em recusar a participação do Oratório na comemoração do Estatuto da Unificação, e demonstrava um certo tom conservador. Em seu projeto educativo não há espaço para um 'novo homem', no sentido das aclamações liberais oitocentistas, existe uma intenção restauradora, ao mesmo tempo em que, dá ao jovem a possibilidade de viver neste mundo da industria nascente.

Ao afastar-se da política, Dom Bosco celebra a produção de bons cristãos e cidadãos. Cristãos e cidadãos católicos.

No primeiro fascículo do Boletim Salesiano, Dom Bosco escreve uma mensagem para seus colaboradores:

O nosso programa será inalteravelmente este: deixe-nos cuidar dos jovens pobres e abandonados, e nós envidaremos todos os esforços para fazer a eles o maior bem possível, pois, é assim que queremos contribuir com bons costumes e civilização¹⁰.

O Papa Leão XIII¹¹, em audiência com Dom Bosco, em nove de maio de 1884, a missão de Dom Bosco e dos salesianos era conservar os jovens abandonados como católicos.

A contribuição seria enviar para a sociedade bons católicos, e afirmo, fazendo uso de André Petitat¹², que a educação católica muito antes de reproduzir a sociedade da Restauração, é parte integrante desse processo, produzindo sujeitos jovens católicos e cidadãos.

⁸ BRAINDO, Pietro. **Prevenir, não reprimir**. São Paulo: Editora Salesiana, 2005.. p. 23.

⁹ BOSCO, Dom João. **Memórias do Oratório de São Francisco de Sales**. São Paulo: Editora Salesiana. p 198.

¹⁰ Bolletino Salesiano mesuale, ano III, n. 5, agosto de 1877. In: www.sdb.org. Online: 06 de junho de 2005.

¹¹ BOSCO, Dom João. **Memórias do Oratório São Francisco de Sales**. São Paulo: Editora Salesiana, 2005. p.190.

Ao produzirem práticas instituídas como católicas e desta forma verdadeiras, estes acabam também, elegendo um corpo específico, alvo desta discursividade e produto dela. Este é o corpo jovem – maleável em sua essência, displicente, passível de corrupção moral – e que por estes e outros motivos necessita da mão acolhedora de padres, bispos, colaboradores cristãos, para que de seus caminhos não sejam desviados.

A educação da juventude caminhará lado a lado dos projetos de civilizar os jovens no cristianismo, tornado-os bons cristãos e honestos cidadãos. Cidadania e catolicismo convergiriam para lados da mesma moeda. O bom cidadão seria aquele que honraria sua pátria e propagaria a fé católica, aquele que distante dos deleites socialistas ou comunistas e protestantes contribuiria para a manutenção da ordem, seriam útil para o trabalho. Nas palavras de Dom Bosco:

Sonhei que estava no meio de uma multidão de lobos, cabras e cabritos, cordeiros, ovelhas, bodes, cães e pássaros. Faziam todos juntos um barulho, uma desordem, ou melhor, uma infernaria de espantar os mais corajosos. Ia fugir, quando uma senhora, muito bem trajada, a moda de pastorinha, fez um gesto para que seguisse e acompanhasse o estranho rebanho; enquanto isso, se punha à frente. Estivemos vagando por vários lugares; fizemos estações ou paradas. A cada parada muitos desses animais convertiam-se em cordeiros, cujo número ia sempre aumentando. Depois de muito andar, encontrei-me num prado onde os animais saltitavam e comiam juntos, sem que nenhum deles tentasse prejudicar os outros¹³.

Os jovens pobres – perigosos, indolentes, propícios à maldade e ao roubo, justamente por serem jovens, do contrário seriam *adultos* – tornar-se-iam cordeiros quando aos cuidados da educação católica e salesiana fossem deixados.

De animais a cordeiros dóceis, comportados, alegres e, principalmente, cristãos. Esta é a transformação pela qual os jovens de Dom Bosco deveriam passar. Sim, a partir do momento que estes passam a conviver com o padre, é assim que eles os denominará. O padre salesiano será, então, um bom pastor, iluminado pelo dom de deus e pela razão cristã, ele guiará estes corpos, mentes e corações.

¹² Cf. PETITAT, André. **Produção da sociedade/ Produção da escola**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

¹³ BOSCO, Dom João. **Memórias do Oratório de São Francisco de Sales**. São Paulo: Editora Salesiana, 2005.. p. 133.

Pastor no sentido literal da palavra, o que guia, mostra o caminho. Mas, também, o que atua na alma, na consciência, catequizando os gestos, as posturas, os sorrisos, a verdade, a mentira, o trabalho. A educação salesiana é também uma pedagogia do bom pastor e dos seus cordeiros. Aquele mostra, os animais em processo de mudança, obedecem e assumem o auto-controle, a exortação da verdade católica.

A educação destes jovens era urgente. Para livrá-los dos perigos, para torná-los cidadãos e bons cristãos. Assim, estes enunciados colocam em jogo a necessidade de construir espaços para educar os jovens, ao passo que a rua é o local do perigo. Cristianizar e *cidadanizar* implicaria no seqüestro destes corpos para educá-los na moralidade cristã. A atuação sobre e no corpo seria iminente ao processo de formação desses sujeitos livres do pecado.

Segundo Guacira Lopes Louro¹⁴, “a formação do bom cristão não apenas começa pelo corpo, ela ao envolve e o implica. Ela também não se dá apenas sobre ele, mas se faz com e no corpo”. Não um corpo que é só fisiológico, mas um corpo que é muito mais alma e consciência, um corpo que deverá ter uma postura condizente com as verdades da época, que deverá olhar e caminhar a partir de um padrão normalizado, que deverá cuidar de si, moralizar-se.

Corpo maleável e modelável. Para instruir este, que a qualquer momento, poderá ser induzido ao mal, nada mais eficaz do que mantê-lo sobre o olhar constante e vigilante daqueles que querem o seu ‘bem’. Assim, obedecendo à racionalidade disciplinar, os Salesianos usaram de todas as suas forças e influências para construírem espaços para essa juventude.

As instituições salesianas podem ser divididas em dois ‘modelos’: as abertas – oratórios, escolas dominicais e noturnas – e as ‘totais’ – internatos, colégios, seminários, pensionatos para operários e artesãos. Estas definições fazem referência apenas ao fato dos jovens dormirem ou não no ambiente escolar, os discursos salesianos buscam diferenciá-las, dando as primeiras um caráter de liberdade e as segundas um tom mais austero. Porém, este trabalho busca as inserir na lógica disciplinar proposta por Michel Foucault¹⁵, ou seja, disciplina na positividade e produz corpos úteis.

¹⁴ LOURO, Guacira Lopes. Produzindo Sujeitos Masculinos. In: COSTA, Marisa Vorraber. **O currículo nos limiares do contemporâneo**. Belo Horizonte: Autentica, 1998.

¹⁵ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Editora Graal, 2004. p. 294.

Neste sentido é útil apresentar a finalidade das instituições Salesianas, propostas nas Constituições e aprovadas em 1874.

O fim da Sociedade Salesiana é a perfeição cristã de seus membros, toda obra de caridade espiritual e corporal para os jovens, especialmente pobres e também a educação do clero (...)

Será-lhes administrado abrigo, alimento e roupa; e enquanto são instruídos nas verdades da fé católica, serão também encaminhados para a aprendizagem de alguma arte ou ofício (...)

A construção destas obras é inerente à elaboração do Sistema Preventivo de Dom Bosco e a construção da Sociedade São Francisco de Sales.

A primeira obra salesiana será o Oratório, 1841, local freqüentado por jovens carentes de Turim ao longo dos dias festivos. A princípio eram feitas reuniões dominicais em paróquias, em que estes ‘jovens perigosos’ fossem aceitos. Durante cinco anos, até a construção do Oratório de Valdocco, Dom Bosco se viu obrigado a migrar de bairro em bairro, justamente pelo medo que se tinha destes moços. A reunião destes chamava atenção daqueles que moravam vizinhos às praças, paróquias ou igrejas em que se reuniam.

Os oratórios eram “jardins ou lugares de honesta recreação. Neles os jovens são alegremente entretidos com jogos e brinquedos sob o olhar da devida vigilância; neles, em tempo e lugar fixos, são instruídos na doutrina cristã e são encaminhados e assistidos na prática de seus deveres religiosos¹⁶”.

Após a instalação do Oratório em Valdocco, Dom Bosco percebe a necessidade de construir, no mesmo espaço, escolas dominicais e noturnas. A justificativa para esta encontra-se com o analfabetismo presente nos jovens que participavam do Oratório, segundo o próprio clérigo, por causa da baixa instrução destes, logo esqueciam dos ensinamentos bíblicos, o que tornou necessário alfabetizá-los.

Enquanto o Oratório era um jardim as escolas dominicais buscam ensinar disciplinas-saber necessárias para instrumentalizar o corpo jovem a memorizar aquilo que era ensinado nas catequese. Estas emergem na perspectiva de formar um corpo para o conhecimento do cristianismo, o que auxiliaria na mudança dos seus hábitos e na incorporação de um modo de ser e estar no mundo.

¹⁶ BOSCO, Dom. Conferência aos cooperadores em Gênova, em 30 de março de 1848. In: **Boletim Salesiano** n° 6 (1882), n° 4, abr, p. 71. In: www.sdb.org. Online: 25 de janeiro de 2006, 15h 33m.

O ‘método’ adotado por Dom Bosco nos ajuda a pensar a relação entre grupo social e seleção de saberes específicos,

Por exemplo, fazia-se num ou dois domingos *passar e repassar o alfabeto* e soletrar; em seguida tomava-se logo o primeiro *catecismo* e nele se fazia soletrar e ler até que fossem capazes de entender uma ou duas das primeiras perguntas; essa era a *lição* para a semana seguinte (...) Destarte pude em oito domingos fazer com que alguns chegassem a *ler e estudar* sozinhos páginas inteiras de catecismo. Com isso *ganhamos tempo*, pois os maiorzinhos teriam que freqüentar por muito tempo o catecismo antes de conseguirem suficiente *instrução* para se confessar¹⁷.

Na escola dominical se aprende a ler, para que se possa alcançar um objetivo maior que é a confissão. Para que esta aconteça o fiel tem que estar ciente/consciente de sua condição de pecador e reconhecer os mandamentos e textos cristãos. A otimização do tempo encontrasse com a necessidade de livrar, o mais rápido possível, estes corpos do mal. O seu grande efeito é produzir estes corpos cristãos.

Para aqueles considerados de pouca inteligência¹⁸ criaram-se as escolas noturnas, onde diariamente aprenderiam a ler e a escrever, visando, novamente, a urgente necessidade de catequizá-los, livrando-os das blasfêmias protestantes, dos perigos comunistas.

Inicia-se a construção de um currículo específico para um grupo exclusivo de jovens moços. Nas palavras de Dom Bosco¹⁹: “ As escolas noturnas produziam dois bons efeitos: animavam os rapazes a virem aprender a leitura, da qual sentiam grande necessidade, e ao mesmo tempo nos ensejavam a oportunidade de instruí-los na religião que era a finalidade de nossa instituição”

A necessidade de produzir não apenas cristãos, mas também trabalhadores, emerge na implementação das oficinas artesanais, o que se dá nos anos de 1852 a 1862. Ao mesmo tempo em que, iniciam-se as aulas de aritmética, desenho e escrita.

Essa preocupação com o trabalho, ou melhor, inserir estes jovens no mundo do trabalho, fará com que um currículo específico seja elaborado para estes ‘pobres’. O seu tempo será esquadrihado para que se divirta, ore, cante, mas acima de tudo, aprenda uma profissão. Não é por menos que uma das primeiras obras salesianas é a *escola de aprendizes*.

¹⁷ BOSCO, Dom João. **Memórias do Oratório São Francisco de Sales**. São Paulo: Editora Salesiana. p.181.

¹⁸ Não foi possível identificar o que era utilizado para ‘medir’ esta condição.

¹⁹ BOSCO, Dom João. O Jovem instruído. APUD: BRAINDO, Pietro. **Prevenir, não reprimir**. São Paulo: Editora Salesiana, 2005.p. 182.

Dom Bosco discursará sobre a formação desse jovem trabalhador nos livros “Regulamento para as casas” e “La forza della buona educazione”. Nestes, ele evidencia a importância do trabalho, da utilidade do tempo para a formação de um caráter cristão e cidadão, naturalizando a necessidade deste, como proponente de uma vida mais digna e correta. Associa, incessantemente, o bom *trabalhador ao bom cristão*.

O trabalho é instituído como o destino do homem e antídoto para o ócio. Seria o movimento necessário para a correção dos corpos desviantes – ex-presidiários; como também, seria a forma de afastar do mal os corpos frágeis, inocentes. No literal sentido, ocupam-se estas mentes para que suas cabeças não se transformem na oficina do diabo.

Na guerra contra a laicização do Ensino e contra as práticas comunistas e protestantes, a Congregação Salesiana seqüestra os corpos jovens e os coloca no ritmo do trabalho, da ocupação constante. A instituição da escola caminha para um controle social, definindo a importância do trabalho, que se ocupará de formar não apenas um trabalhador, mas um homem honesto e cidadão. O menino, como se tratasse de um capital potencial, deve ser cuidado, protegido e educado para se obter dele mais adiante os máximos benefícios econômicos e sociais. Dom Bosco, em um Boletim diz:

De resto, depois, eu não quero que meus filhos sejam enciclopédicos; não quero que os meus *carpinteiros, ferreiro, sapateiros* sejam advogados; nem que os tipógrafos e nem os encanadores e livreiros queiram ser filósofos e teólogos (...) A mim basta que *cada um saiba aquilo que lhe diz respeito*, e quando um artesão possui conhecimentos úteis e oportunos para bem exercitar sua arte (...)²⁰

Os grifos têm a intenção de demonstrar que aquilo que se ensina está, também, intimamente relacionado à profissão que se espera que este corpo exerça, ao mesmo tempo em que, identificam o espaço social pelo qual podem circular. É fantástico perceber as instituições escolares, durante muito tempo desvinculadas das práticas culturais, históricas e discursivas, na sua iminente relação com a produção do *status quo*.

Escola, oratório, colégios, oficinas artesanais, seminários. Em todos estes espaços a relação poder e saber estará formando almas cristãs e cidadãs, para tal, o sistema pedagógico de Dom Bosco se insere em regularidades enunciativas denominadas de preventivas. Insere-se e a produz concomitantemente. O currículo *identifica*, legitima documentos de identidade e

²⁰ BOSCO, Dom João. In. Boletim Salesiano (1881) n° 8 ago. p. 16. In: www.sdb.org. Online: Março de 2006, 10h35m..

certifica-se, passo a passo, de que o sujeito está sendo produzido, exatamente como se desejava.

Referências Bibliográficas

BOSCO, Dom João. **Boletim Salesiano** n° 8 ago (1881). p. 16. In: www.sdb.org. Online: Março de 2006, 10h35m.

..... **Memórias do Oratório de São Francisco de Sales**. São Paulo: Editora Salesiana, 2005.

..... Conferência aos cooperadores em Gênova, em 30 de março de 1848. In: **Boletim Salesiano** n° 6 (1882), n° 4, abr, p. 71. In: www.sdb.org. Online: 25 de janeiro de 2006, 15h 33m.

BRAINDO, Pietro. **Prevenir, Reprimir. O sistema educativo de Dom Bosco** São Paulo: Editora Salesiana, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

..... **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. Produzindo Sujeitos Masculinos. In: COSTA, Marisa Vorraber. **O currículo nos limiares do contemporâneo**. Belo Horizonte: Autentica, 1998.

MAYER, Arno J. **A força da tradição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

PAPA JOÃO PAULO II. **Dom Bosco: um mestre para a educação**. In: Carta do Sumo Pontífice João Paulo II ao dileto filho Egidio vigano Reitor-Mor da Sociedade Salesiana no 1° Centenário da Morte de São João Bosco. Editora Salesiana, 1988.

PETITAT, André. **Produção da escolas/ Produção da sociedade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

REMOND, René. **O século XIX**. Introdução à história do nosso tempo. São Paulo: Editora Cultrix, 2005.